

Millennials

na América Latina e no Caribe:
trabalhar ou estudar?

SUMÁRIO EXECUTIVO



Editores:

Rafael Novella

Andrea Repetto

Carolina Robino

Graciana Rucci



Millennials

na América Latina e no Caribe:
trabalhar ou estudar?

SUMÁRIO EXECUTIVO



Rafael Novella

Andrea Repetto

Carolina Robino

Graciana Rucci

Copyright © 2018 Banco Interamericano de Desenvolvimento. Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons IGO 3.0 Atribuição-NãoComercial-SemDerivações (CC BY-NC-ND 3.0 IGO) (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/igo/legalcode>) e pode ser reproduzida com atribuição ao BID e para qualquer finalidade não comercial. Nenhum trabalho derivado é permitido.

Qualquer controvérsia relativa à utilização de obras do BID que não possa ser resolvida amigavelmente será submetida à arbitragem em conformidade com as regras da UNCITRAL. O uso do nome do BID para qualquer outra finalidade que não a atribuição, bem como a utilização do logotipo do BID serão objetos de um contrato por escrito de licença separado entre o BID e o usuário e não está autorizado como parte desta licença CC-IGO.

Note-se que o link fornecido acima inclui termos e condições adicionais da licença.

As opiniões expressas nesta publicação são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a posição do Banco Interamericano de Desenvolvimento, de sua Diretoria Executiva, ou dos países que eles representam.



Novella: Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e Universidade de Oxford (Oxford Department of International Development & the Centre on Skills, Knowledge and Organisational Performance); **Repetto:** Universidade Adolfo Ibáñez e Espacio Público; **Robino:** Centro Internacional de Pesquisa para o Desenvolvimento-Canadá (IDRC); **Rucci:** BID.

A juventude é uma etapa crítica na vida das pessoas: um período de transição em que decisões fundamentais são tomadas em diversos âmbitos, especialmente na educação e no trabalho. Saber o que está por trás da escolha entre estudar e trabalhar, ou a combinação de ambas, permite auxiliar, através da formulação de políticas públicas, aqueles que visam garantir um futuro melhor para a próxima geração de trabalhadores na América Latina e no Caribe (ALC). Este objetivo é prioritário devido a mudanças no mercado de trabalho, marcadas pelo surgimento de novos avanços tecnológicos que ameaçam automatizar tarefas e ocupações.

O estudo Millennials na América Latina e no Caribe: trabalhar ou estudar? descreve os principais resultados de um projeto regional que contou com a participação de mais de 15.000 jovens entre 15 e 24 anos de idade em nove países (Brasil, Chile, Colômbia, El Salvador, Haiti, México, Paraguai, Peru e Uruguai). Dois levantamentos de dados (um quantitativo e um qualitativo) permitem entender melhor as características dos jovens, bem como o contexto em que se desenvolvem¹. A novidade deste estudo é a inclusão de variáveis que vão além das tradicionalmente obtidas em pesquisas domiciliares, como renda ou nível educacional, e a incorporação de outros dados menos convencionais: as informações que os jovens têm sobre o funcionamento do mercado de trabalho, suas aspirações, expectativas e habilidades cognitivas e socio-emocionais. Com isso, procura-se entender melhor os jovens e promover medidas mais adequadas aos desafios para desenvolver seu potencial. Assim, com base nesses resultados, esta publicação sugere ações políticas que podem ajudar os jovens a fazer uma transição bem-sucedida dos estudos para o mercado de trabalho.

Os resultados desta pesquisa, uma radiografia detalhada sobre jovens na América Latina e no Caribe, oferecem um quadro encorajador na maioria dos aspectos analisados. Nele, não há espaço para preconceitos e estereótipos, como os que pesam sobre os *millennials*² ou sobre os 20 milhões de jovens nem-nem (aqueles que não estudam, nem trabalham, nem se capacitam) na América Latina e no Caribe.

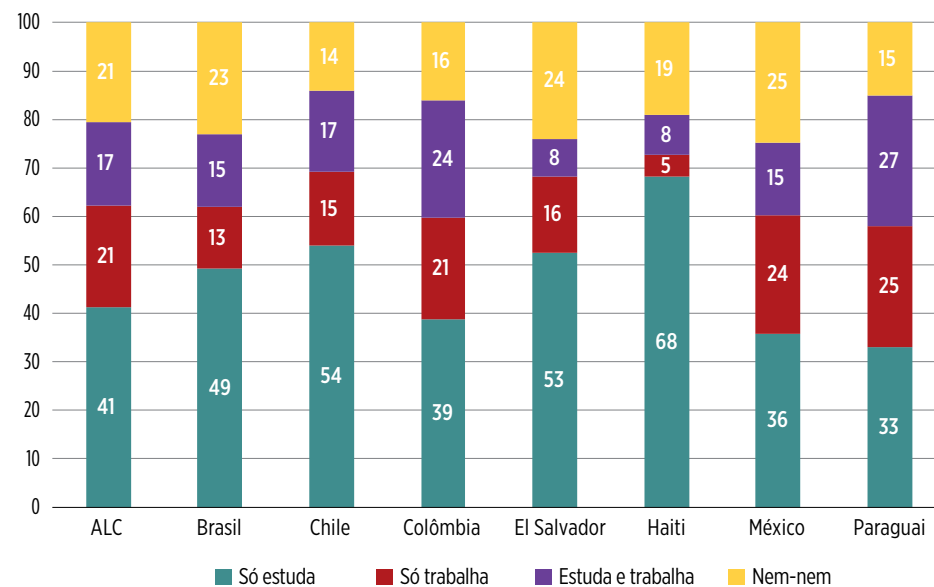
1. Os dados utilizados provêm principalmente de uma pesquisa concebida e desenvolvida no âmbito deste projeto. Assim, entre 2017 e 2018, a pesquisa Millennials na América Latina e no Caribe foi feita entre jovens residentes em áreas urbanas, geralmente nas respectivas capitais, do Brasil, Chile, Colômbia, El Salvador, Haiti, México e Paraguai. O Peru (Young Lives/Niños del Milenio) e o Uruguai (Estudio Longitudinal del Bienestar en Uruguay) também participaram com base em informações quantitativas longitudinais existentes.

2. Embora não haja consenso sobre a terminologia ou a faixa de anos de nascimento para classificar as diferentes gerações, seguimos a proposta de Howe e Strauss (2007) (The next 20 years. *Harvard Business Review*, 85 (7-8), 41-52) e Milkman (2017) (A new political generation: Millennials and the post-2008 wave of protest. *American Sociological Review*, 82 (1), 1-31) para definir este grupo de jovens como *millennials*. Outras definições consideram que aqueles que nasceram entre 1992 e 2003 pertencem à “Geração Z”, ou são *centennials* ou *pós-millennials*.

O que fazem os millennials na América Latina e no Caribe?

A pesquisa mostrou que 41% dos jovens da região se dedicam exclusivamente aos estudos ou à capacitação³, 21% trabalham, 17% desempenham ambas as atividades e os restantes 21% pertencem ao grupo nem-nem. Nos quatro grupos, notam-se diferenças significativas em termos de gênero, especialmente entre o grupo dos nem-nem, formado em sua maioria por mulheres e jovens com menos recursos. Por um lado, México, El Salvador e Brasil têm o maior percentual de jovens nem-nem (acima de 20%). No outro extremo está o Chile, onde apenas 14% dos jovens pesquisados estão nessa situação.

GRÁFICO 1 • SITUAÇÃO EDUCACIONAL E PROFISSIONAL DOS JOVENS NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE (%)



Fonte: Elaboração própria com dados da pesquisa Millennials na ALC.

Nota: Cálculos obtidos usando os pesos amostrais da pesquisa Millennials na ALC.

3. As médias regionais foram calculadas como uma média ponderada das respectivas médias de cada país. As ponderações foram feitas com base no tamanho da população representada por cada amostra. Todas as estimativas neste sumário usam esses ponderadores.

Existem diferenças importantes entre os países em termos da situação educacional e profissional dos jovens. Por exemplo, no Paraguai, 33% deles só estudam ou se capacitam e 25% só trabalham; por outro lado, no Haiti, 68% apenas estudam, enquanto 5% só trabalham. Existem também disparidades nas outras duas categorias de estudo e trabalho: na Colômbia e no Paraguai, mais de um quinto dos jovens estuda e trabalha ao mesmo tempo, enquanto em El Salvador e no Haiti, menos de 10% dos entrevistados estão nessa situação.

Os nem-nem, longe de estereótipos

Embora o termo nem-nem possa induzir à ideia de que eles são ociosos e improdutivos, a realidade na América Latina e no Caribe é outra: 31% dos jovens pertencentes a esse grupo estão procurando trabalho (principalmente os homens), mais da metade, 64%, dedicam-se a trabalhos de cuidado familiar (principalmente as mulheres), e quase todos desempenham tarefas domésticas ou ajudam nos negócios de suas famílias. Ou seja, ao contrário das convenções estabelecidas, este estudo comprova que a maioria dos nem-nem não são jovens sem obrigações, e sim realizam outras atividades produtivas.

Os nem-nem da região, portanto, são principalmente pessoas ocupadas que levam a cabo tarefas valiosas em seus respectivos entornos. São jovens mal classificados, pois, na verdade, muitos participam da força de trabalho. Apenas 3% deles não realizam nenhuma dessas tarefas nem têm uma deficiência que os impede de estudar ou trabalhar. No entanto, as taxas são mais altas no Brasil e no Chile, com aproximadamente 10% de jovens aparentemente inativos.

TABLA 1 • PRINCIPAIS ATIVIDADES REALIZADAS PELO NEM-NEM (%)

	ALC	BRASIL	CHILE	COLÔMBIA	EL SALVADOR	HAITI	MÉXICO	PARAGUAI
Principais atividades dos nem-nem								
Procurando trabalho	31	36	43	62	44	38	18	36
Cuidados familiares	64	44	59	54	56	64	70	54
Negócios/trabalhos domésticos	95	79	83	94	96	89	98	96
Pessoa com deficiência	3	4	4	1	1	12	3	3
Nenhuma dessas atividades e sem deficiências	3	12	10	2	1	2	1	1

Fonte: Elaboração própria com dados da pesquisa Millennials na ALC.

Nota: Cálculos obtidos usando os pesos amostrais da pesquisa Millennials na ALC.

Além disso, a análise qualitativa revelou que os nem-nem são os que identificam mais enfaticamente a violência e a insegurança como problemas de seu país, e as drogas como uma constante ameaça de obtenção de dinheiro fácil que os afasta de suas aspirações educacionais e profissionais. Nesse sentido, ser nem-nem também pode ser entendido como uma tentativa de evitar os riscos das ruas, pois é um grupo cujas atividades diárias acontecem principalmente no âmbito doméstico.

Os jovens em uma região diversa e num mundo em mudança

As diferentes realidades enfrentadas pelos jovens nos países abordados neste estudo estão refletidas nos resultados. Por exemplo, o contexto de violência em que os jovens tomam suas decisões educacionais e de trabalho é um fator particularmente relevante em El Salvador, enquanto no Haiti, as oportunidades dos jovens são intensamente afetadas pelos desastres naturais que assolaram o país e pelo fenômeno de migração em massa. Apesar das diferenças, os jovens da região também enfrentam situações mais comuns. Por exemplo, as chances de ser nem-nem são maiores entre as famílias de baixa renda.

Em geral, os jovens da América Latina e do Caribe atualmente tomam suas decisões em um contexto nitidamente diferente das gerações anteriores. Espera-se que o novo mercado de trabalho não exija qualificações para um emprego vitalício, mas trabalhadores com habilidades flexíveis que lhes permitam adaptar-se a um cenário em mudança⁴.

Por outro lado, os países da América Latina e do Caribe colocaram em prática um conjunto amplo de políticas que favorecem a inserção educacional e laboral de seus jovens. Por exemplo, foram feitos esforços para aumentar a cobertura e reduzir o abandono em todos os níveis educacionais⁵. Da mesma forma, as iniciativas de capacitação profissional revelaram-se particularmente favoráveis à empregabilidade dos

jovens⁶. Apesar disso, a região ainda tem um longo caminho a percorrer em relação à qualidade e relevância da educação oferecida. É também necessário redobrar os esforços para reduzir mais decisivamente a taxa de gravidez de adolescentes e outros comportamentos de risco fortemente relacionados com o abandono escolar, a inatividade laboral entre as mulheres e uma inserção laboral demasiado precoce entre os homens.

Educación desigual para un mercado laboral poco acogedor

Embora a cobertura da educação tenha aumentado significativamente em toda a região, há lacunas importantes nos anos de escolarização dos jovens nos diferentes países da América Latina e do Caribe. No Brasil, em média, os jovens pesquisados completaram menos de dez anos de estudo. Por outro lado, no Chile e na Colômbia, chegaram a mais de onze. Embora isso esteja relacionado com as diferenças no número mínimo de anos de escolaridade obrigatória em cada país, também indica que, se houvesse igualdade na qualidade da educação recebida, os jovens da região entrariam no mercado de trabalho com diferenças importantes de aprendizagem.

No entanto, os jovens começam a trabalhar cedo (aos 16 anos, em média) e a realidade que enfrentam é pouco promissora: são recebidos por um mercado de trabalho com alta taxa de desemprego entre os jovens e taxas de informalidade que chegam a 70%⁷, mesmo quando observamos que eles tendem a ganhar mais do que a remuneração mínima se estiverem empregados no setor informal. Soma-se a isso a alta rotatividade (em seus quatro anos de trabalho, os jovens tiveram em média 3,5 empregos), o que leva a experiências de trabalho instáveis, nas quais os empregadores têm pouco incentivo para investir em capacitação.

4. Bosch M., Pagés, L., & Ripani, L. (2018). *El futuro del trabajo en América Latina y el Caribe: ¿Una gran oportunidad para la región?* Washington, DC: BID.

5. Por exemplo, a cobertura do ensino médio aumentou mais de 25 pontos percentuais nas duas últimas décadas, de 53% em 1995 para 78% em 2015 (OCDE (2017b). *Education at a Glance 2017: OECD Indicators*. Paris: OECD Publishing).

6. Escudero, V., Kluve, J., López Mourel, E., & Pignatti, C. (2017). *Active Labour Market Programmes in Latin America and the Caribbean: Evidence from a Meta Analysis*. RWI Essen.

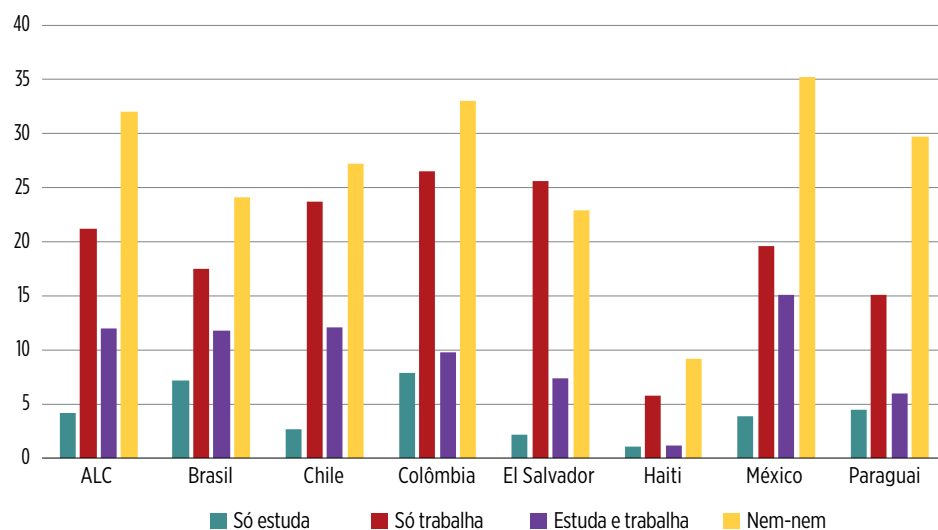
7. Ou seja, não têm um contrato de trabalho assinado pelo empregador.

O grande dilema: estudar ou trabalhar

O que está por trás da decisão dos jovens quando se deparam com um caminho dividido entre estudo e trabalho? As oportunidades de acesso à educação, os anos de escolaridade média, o nível socioeconômico e outros elementos, como a paternidade precoce ou o ambiente familiar, são alguns dos principais fatores que influenciam a decisão dos jovens.

Como mostra o gráfico a seguir, em todos os países, a prevalência de maternidade ou paternidade precoce é maior entre os jovens fora do sistema educacional e do mercado de trabalho.

GRÁFICO 2 • JOVENS QUE TIVERAM FILHOS NA ADOLESCÊNCIA (%)



Fonte: Elaboração própria com dados da pesquisa Millennials na ALC.

Nota: Cálculos obtidos usando os pesos amostrais da pesquisa Millennials na ALC.

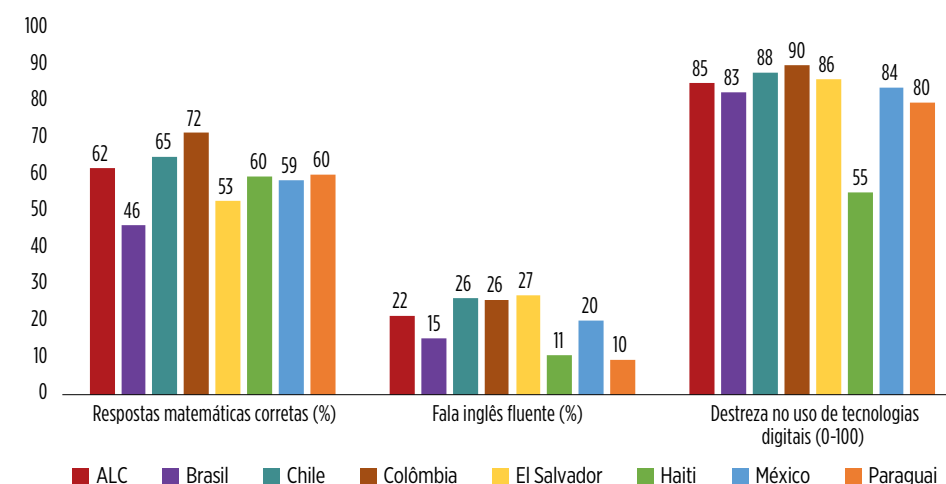
Por outro lado, há outros fatores que não costumam surgir nas pesquisas domiciliares e que permanecem pouco explorados pela literatura na América Latina e no Caribe, mas que têm um peso importante nessa decisão, por exemplo, as habilidades dominadas pelos jovens, as informações que eles têm sobre os retornos proporcionados pela educação, suas crenças sobre suas próprias capacidades, bem como suas expectativas e aspirações. Depois da infância, a juventude é uma segunda oportunidade

de desenvolver o conjunto de habilidades necessárias para uma inserção profissional bem-sucedida no futuro⁸. Neste livro, estudamos como essas variáveis interagem com a trajetória educacional e profissional dos jovens.

Quão preparados estão os jovens?

As medições feitas neste estudo mostram contradições. Por um lado, existe um atraso importante nas capacidades cognitivas dos jovens da América Latina e do Caribe. Cerca de 40% dos entrevistados não são capazes de executar cálculos matemáticos muito simples e úteis para a vida cotidiana, como dividir uma quantia de dinheiro em partes iguais. Além disso, os jovens da amostra carecem de algumas habilidades técnicas essenciais para o novo mercado de trabalho. Por exemplo, menos de um quarto declara falar inglês fluentemente. Se não forem corrigidas, essas lacunas de habilidades serão uma limitação para obter um bom desempenho no mercado de trabalho.

GRÁFICO 3 • HABILIDADES COGNITIVAS E TÉCNICAS DOS JOVENS NA ALC



Fonte: Elaboração própria com dados da pesquisa Millennials na ALC.

Nota: Cálculos obtidos usando os pesos amostrais da pesquisa Millennials na ALC.

8. Kautz, T., Heckman, J. J., Diris, R., Ter Weel, B., & Borghans, L. (2014). *Fostering and measuring skills: Improving cognitive and non-cognitive skills to promote lifetime success*. National Bureau of Economic Research.

Além dessas preocupações, há também resultados positivos: os jovens pesquisados, com exceção dos haitianos, têm muita facilidade de lidar com dispositivos tecnológicos, isto é, possuem uma habilidade fundamental para a inserção laboral num mercado cada vez mais tecnológico.

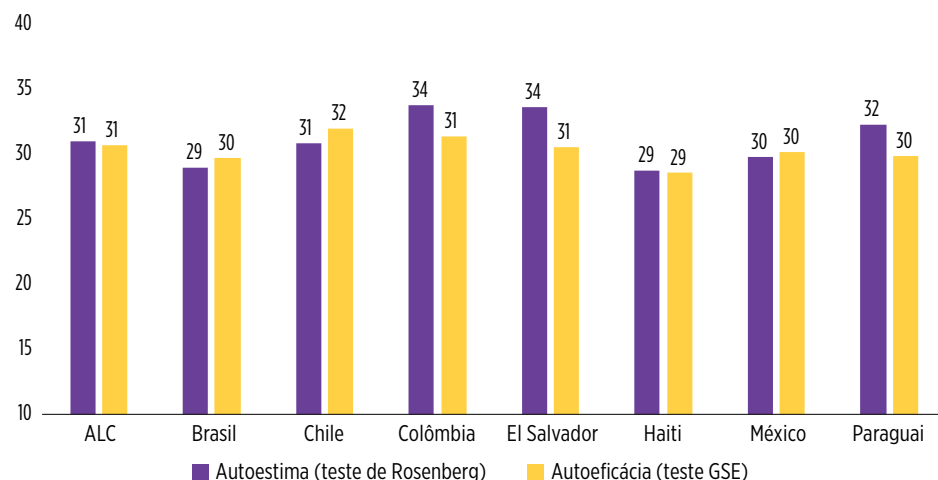
Os resultados também são animadores no que diz respeito às habilidades socioemocionais, pois os jovens apresentam níveis relativamente altos de autoestima (a percepção que as pessoas têm de si), autoeficácia (capacidade de se organizar para atingir seus próprios objetivos) e perseverança (a capacidade de continuar, apesar dos obstáculos), entre outras que lhes permitem ser otimistas quanto às possibilidades de inserção em um mercado de trabalho que muda. Em todos os países analisados, os jovens apresentam uma média alta nas respectivas escalas de medição das três variáveis, com a Colômbia apresentando os níveis mais altos e o Haiti, os mais baixos.

A combinação de habilidades tecnológicas e socioemocionais altas sem dúvida gera esperança sobre como os jovens enfrentarão os novos desafios do mercado de trabalho. No entanto, é essencial reconhecer que essas habilidades poderiam ser insuficientes para uma inserção laboral bem-sucedida. Por um lado, os atrasos nas habilidades cognitivas são importantes e podem limitar o desempenho profissional dos jovens. Por outro lado, apesar dos níveis promissores de habilidades socioemocionais medidas no estudo, os empregadores da região afirmam que os trabalhadores carecem de outras características socioemocionais relevantes (por exemplo, liderança, trabalho em equipe, responsabilidade)⁹.

Jovens otimistas sobre seu futuro

Da mesma forma, este estudo revela que os jovens da América Latina e do Caribe são, em geral, otimistas quanto ao seu futuro. De fato, embora a cobertura atual do ensino superior na região seja, em média, aproximadamente 40%, uma esmagadora maioria dos respondentes (85%) pretende concluir o ensino superior (gráfico 5) e se declaram altamente convencidos de que conseguirão (gráfico 6). Um ponto que chama a atenção nesses resultados positivos é que todos os jovens demonstram essa opinião, independentemente de sua situação educacional e ocupacional. Somente no Haiti os jovens declaram expectativas menos otimistas: 65% deles acreditam que alcançarão suas aspirações educacionais e profissionais.

GRÁFICO 4 • AUTOESTIMA E AUTOEFICÁCIA NOS JOVENS DA ALC

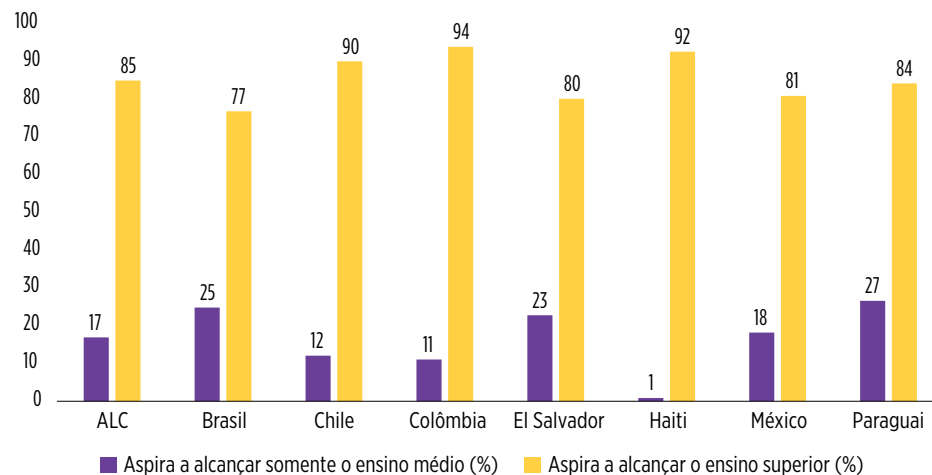


Fonte: Elaboração própria com dados da pesquisa Millennials na ALC.

Nota: Escala de 10 a 40, onde um índice mais alto indica uma maior habilidade socioemocional. Cálculos obtidos usando os pesos amostrais da pesquisa Millennials na ALC.

9. Bassi, M., Busso, M., Urzúa, S., & Vargas, J. (2012). *Desconectados: Habilidades, Educación y Empleo en América Latina*. Washington, DC: BID. También Novella, R., Rosas, D., González, C., & Alvarado, A. (2018). *Reporte de resultados de la Encuesta de Habilidades al Trabajo (ENHAT) Perú*. Washington, DC: BID.

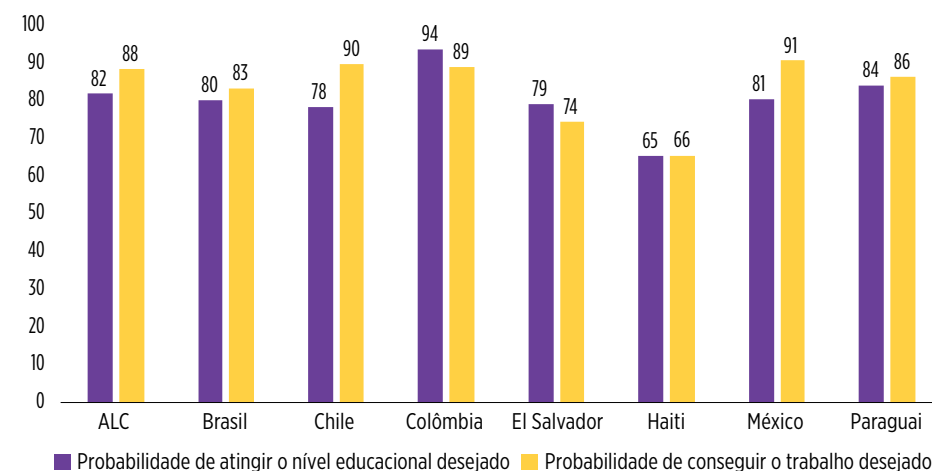
GRÁFICO 5 • ASPIRAÇÕES EDUCACIONAIS DOS JOVENS (%)



Fonte: Elaboração própria com dados da pesquisa Millennials na ALC.

Nota: A primeira barra mostra a porcentagem de jovens que, tendo concluído o ensino fundamental, desejam no máximo completar o ensino secundário. A segunda barra mostra a fração de jovens que, tendo completado o ensino médio, indicam que pretendem concluir o ensino superior. Cálculos obtidos usando os pesos amostrais da pesquisa Millennials na ALC.

GRÁFICO 6 • EXPECTATIVAS DE CUMPRIMENTO DAS ASPIRAÇÕES EDUCACIONAIS E PROFISSIONAIS (%)



Fonte: Elaboração própria com dados da pesquisa Millennials na ALC.

Notas: Porcentagem que acha que alcançará suas aspirações. Cálculos obtidos usando os pesos amostrais da pesquisa Millennials na ALC.

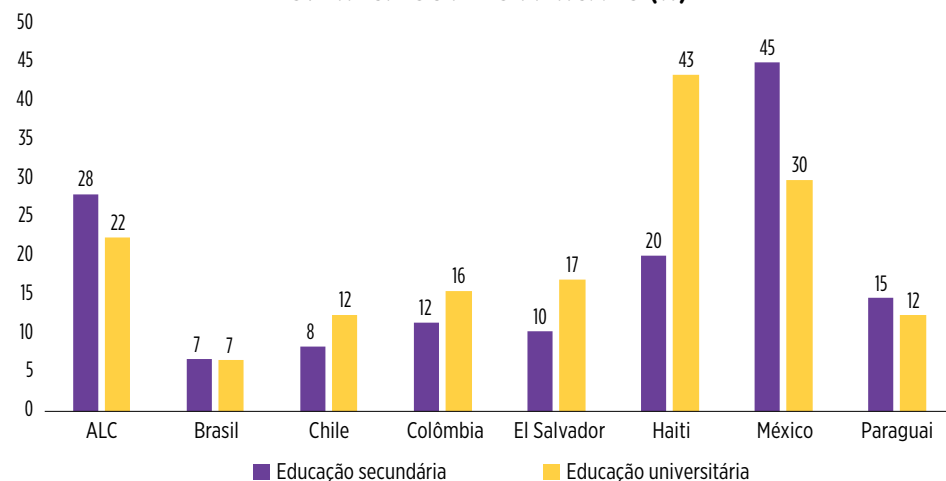
O livro também fornece novas informações sobre o papel das aspirações e expectativas dos pais ou cuidadores desses jovens em alguns países. No México, por exemplo, há uma clara relação positiva entre as aspirações dos pais e o investimento no capital humano dos jovens. Ou seja, os pais de jovens mexicanos que esperam que seus filhos alcancem um nível educacional mais alto tendem a investir mais recursos em sua educação. Os dados longitudinais do Peru e do Uruguai confirmam essa correlação. Em ambos os países, observa-se que os jovens com maiores níveis de investimento em capital humano vêm de lares onde os pais historicamente tiveram aspirações e expectativas educacionais mais altas para seus filhos.

O que os jovens sabem sobre o mercado de trabalho?

Outro aspecto relevante é que os jovens não dispõem de informações suficientes sobre a remuneração que podem obter em cada nível de escolarização, o que poderia levá-los a tomar decisões erradas sobre o investimento em sua educação. No caso do Haiti e do México, essa fração de jovens com informações tendenciosas pode ultrapassar 40%.

Os erros que os jovens cometem ao projetar os salários oferecidos pelo mercado de trabalho não são sempre iguais. Em alguns países, como Colômbia e Chile, os jovens superestimam os salários a serem obtidos tanto na educação secundária como na universitária. O oposto ocorre no Brasil e em El Salvador, onde, em média, os jovens subestimam esses salários, embora em menor grau. No México e no Paraguai, os jovens superestimam a remuneração que pode ser obtida depois de concluírem o ensino universitário, mas subestimam o que poderiam receber tendo completado somente o ensino médio. Os jovens do Haiti, finalmente, mostram um viés oposto.

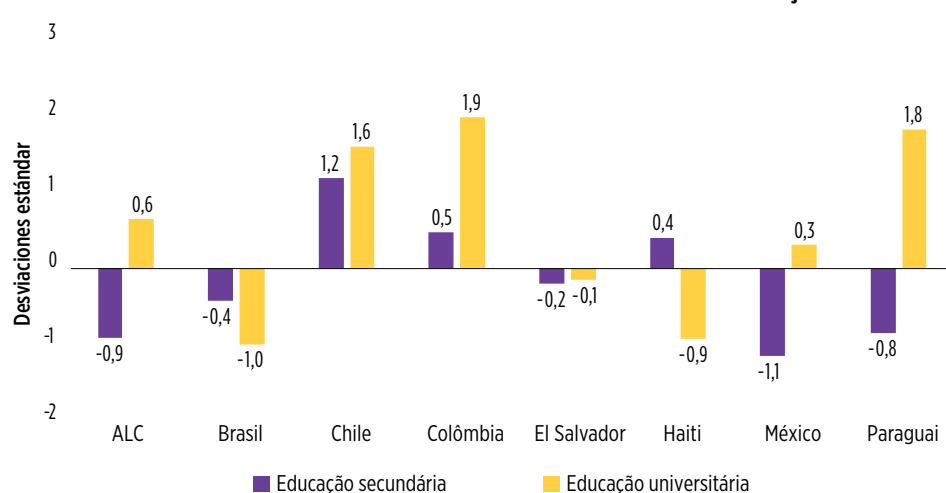
GRÁFICO 7 • JOVENS COM INFORMAÇÕES ERRADAS SOBRE OS SALÁRIOS OFERECIDOS PELO MERCADO (%)



Fonte: Elaboração própria com dados da pesquisa Millennials na ALC.

Nota: Considera-se que um jovem tem expectativas incorretas se a lacuna entre o que ele acha ser a remuneração dos trabalhadores em cada nível educacional e o que os trabalhadores realmente ganham em média - de acordo com as pesquisas domiciliares de cada país - exceder o desvio padrão em qualquer direção. Cálculos obtidos usando os pesos amostrais da pesquisa Millennials na ALC.

GRÁFICO 8 • TAMANHO E SINAL DE ERRO DE INFORMAÇÃO



Fonte: Elaboração própria com dados da pesquisa Millennials na ALC.

Nota: Inclui apenas os jovens com expectativas incorretas. O erro ou viés é medido em número de desvios padrão da remuneração real média. Cálculos obtidos usando os pesos amostrais da pesquisa Millennials na ALC.

O papel das políticas públicas para construir um futuro melhor

Considerando as informações deste estudo, como as políticas públicas podem efetivamente fortalecer as trajetórias educacionais e profissionais dos jovens? Como incorporar os fatores analisados e ajudar a construir um futuro melhor para a próxima geração de trabalhadores? A região mostra avanços muito importantes, mas ainda há muitos desafios por diante. Os resultados desta pesquisa sugerem caminhos para o futuro de acordo com o contexto específico de cada país estudado. Apresentamos três áreas principais de política para intervenção¹⁰.

- **Acesso ao desenvolvimento de habilidades.** É necessário que a região continue promovendo políticas destinadas a reduzir as limitações à formação de jovens. Os programas de transferências condicionadas e bolsas de estudo obtiveram sucesso nos resultados de cobertura. Paralelamente, deve-se melhorar a oferta e o acesso aos serviços (por exemplo, através de subsídios para transporte e uma maior oferta de creches, entre outros).
- **Qualidade e relevância no desenvolvimento de habilidades.** Os resultados do estudo são preocupantes e, ao mesmo tempo, encorajadores. A deficiência em habilidades exigidas pelo mercado de trabalho do futuro (por exemplo, matemáticas e idiomas) é preocupante. Ao mesmo tempo, é encorajador descobrir que os jovens têm habilidades necessárias no mercado, como as tecnológicas, e que têm confiança em suas capacidades e aspirações ambiciosas. Ter sistemas de desenvolvimento de habilidades que atendam às necessidades dos jovens, e que tenham qualidade e relevância, os ajudaria a realizar suas aspirações e aproveitar melhor seus recursos.

Abordar a qualidade da educação é um desafio comum para todos os países da América Latina e do Caribe. Isso significa não apenas trabalhar para melhorar as deficiências nas habilidades cognitivas dos jovens, mas também enfatizar o desenvolvimento das habilidades socioemocionais requeridas pelos empregadores (por exemplo, responsabilidade, trabalho em equipe e liderança) e o interesse em

10. Para uma revisão detalhada da eficácia das intervenções de baixo custo para acompanhar os jovens em suas decisões educacionais e de trabalho, consulte: Novella, R., & Repetto, A. (2018). *Acompañando a los Jóvenes en Educación y Trabajo: ¿Qué Funciona y Qué No? Una Revisión de las Evaluaciones de Programas de Bajo Costo*. Washington, DC: BID.

aprender. Isso é especialmente relevante se a demanda futura por mão-de-obra vier a exigir uma lógica de aprendizado contínuo ao longo da vida, como parece ser o caso. Os níveis de acesso e de competências tecnológicas dos jovens da região proporcionam uma oportunidade de implementar programas de capacitação digital inovadores, flexíveis e de baixo custo (por exemplo, via e-Learning), oferecendo uma alternativa aos métodos tradicionais de formação, inacessíveis a muitos jovens.

Da mesma forma, envolver o setor privado é fundamental para garantir que esses planos de capacitação sejam relevantes e alinhados com a demanda do mercado. O setor privado também pode contribuir para melhorar as competências e a empregabilidade dos jovens que podem entrar rapidamente no mercado de trabalho, através, por exemplo, de programas de jovens aprendizes. Esses programas também têm o potencial de ajudar os jovens a superar um dos principais obstáculos para sua participação no trabalho de acordo com os resultados qualitativos do estudo: a exigência de experiência profissional.

- **Orientação e informação.** Considerando a incerteza que caracteriza a transição da escola para o trabalho e os níveis de desinformação sobre o mercado de trabalho demonstrados pelos jovens da região, é essencial fortalecer os sistemas de orientação e informação sobre o trabalho. Em particular, os observatórios do trabalho e os serviços públicos de emprego podem desempenhar o papel de gerar e fornecer informações adequadas (por exemplo, sobre retornos profissionais, demanda por emprego, etc.) para que os jovens possam tomar suas decisões educacionais e profissionais de forma eficiente e informada. Essas intervenções também podem aproveitar o acesso e o conhecimento tecnológico dos jovens, oferecendo informação através de plataformas digitais, complementadas por programas virtuais de mentoria e orientação vocacional e profissional.

Para que os países da América Latina e do Caribe alcancem o desenvolvimento sustentável, são necessárias economias mais inclusivas e um esforço consciente para melhorar seu capital humano. Para isso, o investimento nos jovens deve ser uma prioridade. Proporcionar oportunidades para esse setor relevante da população não é bom somente para suas próprias perspectivas: é importante também para o desenvolvimento econômico, a coesão social e o bem-estar geral.

Durante a última década, nota-se uma preocupação com a alta proporção de jovens nem-nem, aqueles que relatam não trabalhar nem estudar quando perguntados sobre sua situação de atividade. Este livro revela que a grande maioria dos nem-nem na América Latina é ativa, tanto em atividades domésticas e econômicas não remuneradas quanto na busca por emprego, o que evidencia as limitações da maneira tradicional de indagar sobre sua condição de atividade. As conclusões dos capítulos desta publicação nos convidam a pensar em uma nova maneira de pesquisar essa faixa etária e realmente conhecer as atividades dos *millennials*.

Diana Kruger

Professora associada da Universidade Adolfo Ibáñez

A tecnologia está mudando mais rápido do que nunca, encurtando os ciclos de adaptação e tornando a obsolescência uma constante. É preciso repensar a educação dos jovens para equipá-los com as habilidades (além da alfabetização e aritmética básica) que podem garantir seu sucesso num mundo em constante mudança, tais como o pensamento crítico e a capacidade de resolver problemas. Esforços como esta publicação, que nos ajudam a entender melhor as habilidades, expectativas e aspirações dos jovens, são essenciais para a tomada de decisões. Este livro se tornará uma referência para a discussão de políticas públicas para jovens na América Latina e no Caribe.

Luis Felipe López-Calva

Subsecretário-geral da ONU, diretor regional para a América Latina e no Caribe do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

Este livro nos mostra que otimismo e preocupação são as duas palavras-chave quando pensamos nos *millennials* da América Latina. Otimismo, porque muitos jovens têm grandes aspirações e confiança em seu futuro. Têm metas educacionais e profissionais ambiciosas e confiam em sua capacidade de conquistá-las. São perseverantes. São cidadãos digitais. Mas isso não é suficiente. Os déficits em habilidades matemáticas simples, em idiomas e outras deficiências socioemocionais são muito grandes. Aqui analisam-se cuidadosamente esse otimismo e essas preocupações e conclui-se que a tarefa pendente é muito grande: ainda há muito a se investir nesses jovens para garantir que suas aspirações se tornem realidade.

Jaime Saavedra

Diretor sênior de educação, Banco Mundial

**Baixe a publicação completa
e acesse todos os materiais em:**

www.iadb.org/millennials